

## Na ponta do lápis

Orçar bem os custos de um projeto de pesquisa pode ser decisivo para obtenção de financiamento

Um aprendizado que se impõe a todo pesquisador desde o início de sua carreira é o da necessidade de financiamento para desenvolver projetos com qualidade e certa tranquilidade. No entanto, em um cenário acadêmico cada vez mais competitivo, e de recursos escassos, não basta elaborar uma proposta consistente e inovadora. É preciso também ter clareza sobre quanto cada projeto, em suas distintas etapas, irá custar. “Uma estimativa orçamentária criteriosa é fundamental quando se busca financiamento para um projeto de pesquisa”, afirma a bióloga Lúcia Lohmann, do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (IB-USP).

Nos últimos anos várias instituições, sobretudo dos Estados Unidos, lançaram manuais com orientações sobre como estimar e justificar os custos de um projeto. É o caso da Escola de Artes da Universidade de Nova York, que publicou um guia sobre como elaborar uma proposta de orçamento de pesquisa (<https://goo.gl/23siHG>), e da Universidade Dartmouth, que dispõe de um manual dedicado à importância do financiamento na elaboração de um projeto de investigação científica (<http://goo.gl/6qQrVA>).

Elemento-chave de qualquer solicitação de subvenção científica, o orçamento é a expressão quantitativa de um plano financeiro acerca das despesas futuras de um projeto de pesquisa. “Entre outras coisas, uma proposta orçamentária bem detalhada também indica aos avaliadores que o pesquisador se empenhou na elaboração de seu projeto e tem clareza de todas as etapas e componentes necessários para cumprir seus objetivos”, avalia Lúcia. A bióloga é hoje responsável pela coordenação de vários projetos, sendo o principal desenvolvido no âmbito da cooperação entre os programas Biota-FAPESP e Dimensions of Biodiversity, da National Science Foundation (NSF), principal agência norte-americana de fomento à ciência.

Ela recomenda que os pesquisadores procurem sempre submeter propostas orçamentárias equilibradas. “Despesas superestimadas podem depor contra o projeto, fazendo-o parecer megalomaniaco”, analisa a pesquisadora, a partir de sua experiência como assessora *ad hoc*. O oposto também pode ser prejudicial. “Subestimar



os custos do projeto pode comprometer a pesquisa que, no limite, corre o risco de ser interrompida ou não concluída.”

“Orçar um projeto é um processo trabalhoso. Exige conhecimento técnico, o que nem todo pesquisador em início de carreira tem”, observa a bioquímica Bernadette Dora Gombossy de Melo Franco, da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da USP, que solicita financiamento à pesquisa há quase 30 anos. “É preciso humildade para pedir ajuda quando necessário. Sempre contei com a orientação de colegas mais experientes, por isso não me lembro de ter errado gravemente ao longo da carreira.”

Em sua avaliação, a elaboração de um projeto e a preparação de seu orçamento devem se desenvolver em paralelo. “Não dá para fazer um projeto sem saber quanto ele custará, assim como não dá para elaborar um orçamento sem saber o que será necessário para o projeto.” Bernadette lembra que muitas chamadas de propostas lançadas pelas agências de fomento têm um valor limite para cada solicitação, que precisa ser observado na elaboração do projeto, considerando-se a infraestrutura já disponível para sua execução.

Para o psiquiatra Euripedes Constantino Miguel, da Faculdade de Medicina (FM-USP), é crucial que o orçamento do projeto de pesquisa reflita a realidade dos custos necessários para sua execução. “Do contrário, o pesquisador corre o risco de não entregar o que prometeu, o que pode comprometer sua credibilidade perante a agência de fomento, e de ter de devolver os recursos do próprio bolso.” Para Bernadette, é preciso estar atento às especificidades de cada agência de fomento. “Cada uma tem suas próprias regras, as quais podem mudar de acordo com cada tipo de chamada ou edital.”

A NSF aconselha aos pesquisadores que comecem a orçar o projeto bem antes do prazo para submissão, atentando para os

1

Apresente propostas orçamentárias equilibradas. Despesas superestimadas podem depor contra o projeto, ao passo que subestimar seus custos pode comprometer a pesquisa, que corre o risco de eventualmente ser interrompida



2

Comece a esboçar a proposta orçamentária somente após ter uma ideia clara dos objetivos e metodologia. As perguntas científicas e os métodos usados para respondê-las precisam ser coerentes com os recursos necessários à sua execução



3

Na organização dessas informações, um bom início pode ser a elaboração de uma lista com os custos detalhados do projeto e sua respectiva porcentagem do orçamento total estimado

4

Se a pesquisa envolve colaborações com outros pesquisadores, é preciso discutir os gastos das atividades com cada um



custos dos experimentos, da publicação de artigos, das viagens para pesquisa de campo e da participação em eventos científicos. “É importante ter em pauta todos os itens do projeto e saber que há o risco de variações de mercado, sobretudo se os recursos forem concedidos em moeda estrangeira”, explica Juliana Juk, gerente de projetos do Instituto Nacional de Psiquiatria do Desenvolvimento para Crianças e Adolescentes, um dos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCTs).

Nesse sentido, Euripedes recomenda que os pesquisadores só comecem a esboçar a proposta orçamentária após ter uma ideia clara sobre seus objetivos e metodologias. “As perguntas científicas e os métodos a serem usados para respondê-las precisam ser coerentes com os recursos

necessários à sua execução”, considera. “Se a pesquisa envolve colaborações com outros pesquisadores, vale a pena se reunir previamente com eles para discutir os gastos envolvendo as atividades de cada um. O combinado com cada pesquisador é uma premissa básica e, como tal, deve ser cumprida, mas é importante que também haja espaço, se preciso, para negociação entre projetos ou mesmo readequação dos objetivos iniciais.”

Os pesquisadores lembram que a condução de um projeto de pesquisa é um trabalho coletivo. “Sempre contei com a minha equipe para elaborar os projetos e estimar seus custos”, relata Bernadette, que também responde pela coordenação do Food Research Center (ForC), um dos Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão (Cepid) financiados pela FAPESP.

Na organização dessas informações, um bom começo pode ser a elaboração de uma lista com os custos detalhados do projeto e a respectiva porcentagem do orçamento total estimado. Além dos programas de edição de planilhas como o Excel, existem hoje várias ferramentas digitais para ajudar os pesquisadores a gerenciar os custos das pesquisas, como as plataformas Fluxx, Deltek e o Worktribe, muito usado por universidades dos Estados Unidos e Reino Unido. Algumas instituições, como a USP, contam com softwares próprios para o acompanhamento da execução dos recursos concedidos aos pesquisadores.

“É importante manter o controle semanal dos gastos quando se trabalha em grandes projetos”, alerta Lúcia, cujos projetos em curso movimentam quase R\$ 2 milhões. “É preciso que os pesquisadores se organizem bem, registrem todo fluxo de caixa e arquivem os recibos e comprovantes de compra de equipamentos, reagentes e demais.” Além de facilitar a prestação de contas, essas práticas contribuem para o equilíbrio das despesas.

Sempre que possível, Euripedes também indica a contratação de um gerente de projetos. “Graças à expertise desses profissionais, conseguimos executar no Instituto Nacional de Psiquiatria do Desenvolvimento vários projetos de grande porte, nacionais e internacionais ao mesmo tempo, que movimentam ao todo aproximadamente R\$ 11 milhões”, afirma. Ao desincumbir-se de pelo menos parte das tarefas administrativas e contábeis, o pesquisador pode dedicar mais energia e tempo à pesquisa. Também para a ciência, tempo é dinheiro. ■

Rodrigo de Oliveira Andrade

PERFIL

## Das redações para o consultório

Após trabalhar como jornalista no Brasil e na Europa, Christian Kieling optou pela medicina e hoje pesquisa depressão na adolescência



ARQUIVO PESSOAL

As incertezas tão comuns no início da vida acadêmica levaram o gaúcho Christian Kieling a se inscrever em dois cursos de graduação diferentes em 1997. Prestou vestibular para direito, na Universidade

Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e jornalismo, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). “Fui aprovado nos dois cursos e, como as aulas de um eram de manhã e as do outro à noite, matriculei-me em ambos”, relembra.

Com o tempo, o jornalismo se tornou uma via cada vez mais atraente. “Pedi transferência para o jornalismo na UFRGS em 1998”, ele conta. Em 2000, um ano antes de concluir a graduação, Kieling iniciou um estágio na RBS, grupo de comunicação de Porto Alegre.

Um dia, enquanto escutava rádio, sintonizou de passagem uma estação católica que anunciava uma vaga de estágio na Rádio Vaticano. “Decidi me candidatar e me chamaram”, diz. Kieling trabalhou dois meses em Roma na redação brasileira da emissora antes de voltar para a RBS. Aos 21 anos, ainda inseguro sobre a escolha pelo jornalismo, candidatou-se a uma vaga na Rádio França Internacional, em Paris, onde ficou por um mês.

Durante o período em que esteve na França, Kieling leu alguns livros do neurologista inglês Oliver Sacks. “Ele apresentava uma visão diferente da neurologia, com um viés antropológico”, conta. “Foi quando passei a me interessar por questões de neurociências.” De volta ao Brasil, prestou novamente vestibular, dessa vez para medicina, na UFRGS.

“Formei-me em jornalismo na terceira semana de aula em medicina”, lembra. Logo ele iniciou sua iniciação científica em psiquiatria, trabalhando como assistente de pesquisa no Programa de Déficit de Atenção e Hiperatividade do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA).

Como já tinha uma graduação concluída, foi exortado por seu orientador a tentar o mestrado em psiquiatria antes mesmo de concluir o curso de medicina. Kieling apresentou sua dissertação em setembro de 2007, três meses antes de concluir a graduação. Passou por residências médicas de psiquiatria e de psiquiatria da infância e da adolescência, durante as quais realizou seu doutorado. Em seguida, ingressou em um estágio de pós-doutorado na mesma instituição, concluído em 2015. Foi nessa época que fundou o Programa de Depressão na Infância e na Adolescência (ProDIA) do HCPA.

Hoje professor da UFRGS, o psiquiatra coordena uma equipe de mais de 20 pessoas que buscam compreender aspectos sociodemográficos e neurobiológicos associados ao risco de desenvolver depressão durante a adolescência.

Mais recentemente, sua equipe foi contemplada pela organização britânica MQ com uma verba de pesquisa de £ 1 milhão (aproximadamente R\$ 4,3 milhões). O valor foi concedido após Kieling e outros 30 pesquisadores do mundo todo terem se reunido por três dias em um hotel nos arredores de Londres para formar grupos e elaborar uma proposta de estudo em saúde mental. Ao final, os times defenderam suas ideias para uma banca, que definiu o destino do financiamento. ■

R.O.A.